

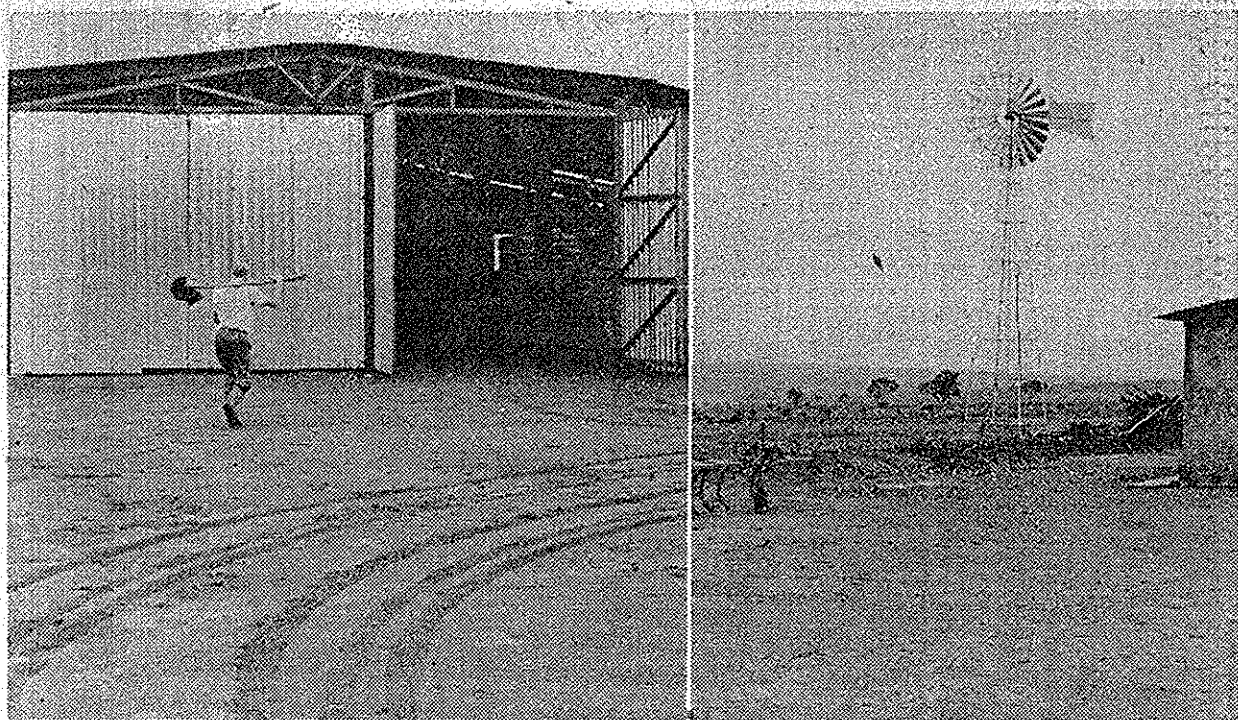
# Gaúchos transformam o sertão mineiro

MARCOS WILSON

"O sertão é de noite", segundo Guimarães Rosa. Já não é. O silêncio e o mistério do interior mineiro foram substituídos pelo barulho dos tratores e caminhões, pelas animadas festas regadas a cerveja promovidas pelos novos personagens dos Gerais: homens altos e loiros, mulhe-

res fortes e vermelhas, meninos capazes de dirigir um trator durante 12 horas por dia. "O sapo não pula por bunitiza, é por necessidade mesmo", escreveu Guimarães Rosa sobre os mineiros. Esta é uma verdade que continua valendo: o velho pião mineiro, os coronéis e seus jagunços estão tendo de se adaptar a uma nova realidade. O cho-

que entre duas culturas, a briga entre o "uai" e o "ché" em pleno cerrado, os amores de colonos de origem alemã e mineirinhas, as histórias de velhos boiadeiros e o medo de uma "revolução comunista" liderada pelos padres são relatados hoje, na segunda e última reportagem sobre a conquista do sertão mineiro.



Em apenas um ano, surge uma nova paisagem nos cerrados de Minas Gerais

## No caminhão, a família e a mudança

Afonso Neumann chamou seus 15 filhos e mais seis noras e genros e avisou: "Vamos todos para Minas". Alugou um caminhão Scania com carteira, colocou os móveis e até uma velha camioneta dentro e iniciou uma viagem de uma semana com destino ao cerrado mineiro. Ele e a mulher viajaram na cabina, junto com o motorista; o resto da família viajou dentro da camioneta, na carreta. Todos dormiam sentados.

Quando finalmente chegaram a Iraf de Minas, foram morar em um barracão de um só cômodo. Hoje, um ano depois, já construíram uma grande casa; no galpão de uma fazenda de 350 hectares não há espaço para colocar tantos tratores, caminhões, carros e arados. A terra está recebendo sementes de soja e até o seu filho menor, de apenas sete anos, dirige um trator para ajudar a arar a terra com maior rapidez. As mulheres também trabalham no campo, dirigindo um trator ou na árdua tarefa de juntar as raízes das árvores derrubadas durante o desmatamento do cerrado.

"Quando o tempo passa, tu esquece o sofrimento, ché", afirma Erico Rohmann. Todos os gaúchos que foram para o cerrado sofreram muito quando chegaram à região, mas hoje não gostam ou não querem falar dos tempos difíceis. Preferem comentar as estimativas de colheita de suas novas terras. Afinal, este é o grande orgulho deles.

Todos decidiram largar seus parentes e suas comunidades nas regiões de Arrol do Meio e Lageado, no Rio Grande do Sul, por causa da terra. Cada colono diz que tinha em média 12 hectares para plantar e todos precisavam urgentemente de mais terra para aumentar a produção. Eles possuem tradição na agricultura, mas sua capacidade de trabalho era bem maior do que permitiam aqueles pequenos pedaços de terra.

Como "quase mineiros", os colonos já pensam duas vezes antes de dizer se valeu ou não a pena deixar o Rio Grande. "Para saber se deu certo, precisamos ver a produção, devemos conhecer bem o clima dessa região, colher bem", diz Erico Rohmann. Mas para não acreditar na agricultura no cerrado, todos contam a história de Eduardo Vieira de Carvalho, que fez grandes investimentos na área dos cerrados e só teve frustrações. E muitos outros fazendeiros chegaram perto da falência, assim como Eduardo. A grande opção para quem ficou com um pouco de terra e capital foi voltar à pecuária de corte. Os produtores mineiros que por volta de 1970 decidiram plantar no cerrado não tinham qualquer tecnologia. Só em

1972, com a entrada de paulistas e paranaenses no sertão é que novas técnicas chegaram à região.

Hoje, com o êxito de ocupação rápida do cerrado, com a nova filosofia de trabalho dos gaúchos, os desconfiados mineiros já começam a confiar em suas próprias terras. Uma prova disso é que os fazendeiros não vendem mais na região do cerrado: em 1971, o hectare valia Cr\$ 200,00; em 79, Cr\$ 4.125,00; em 1980 subiu para Cr\$ 70 mil (quando os juros bancários estavam baixos) e em 1981, chegou a um ponto de equilíbrio que varia entre Cr\$ 50 mil e Cr\$ 60 mil.

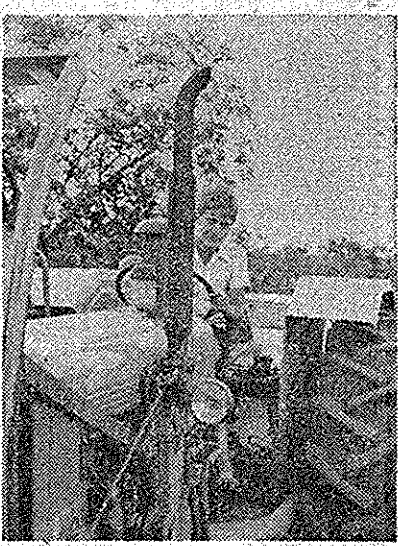
A ocupação do cerrado, como dizem os próprios mineiros, é um projeto e a médio prazo. Por enquanto, os grandes conquistadores desta região são mesmo os colonos gaúchos. Eles não admitem, por exemplo, que os fazendeiros locais mantenham suas terras improdutivas à espera de uma nova valorização; ou que o dinheiro obtido para o custeio da safra agrícola seja usado para a construção de casas nas cidades ou para a compra de carros do ano.

Este dinheiro é aplicado religiosamente nas áreas de plantio. Alguns colonos chegam mesmo a buscar outros recursos para melhorar a produtividade da terra. Erico Rohmann, por exemplo, conseguiu um pluviômetro no Banco do Brasil para controlar o volume de chuvas que cai no cerrado. Todos os dias, após cada chuva, ele marca em um quadro guardado em seu escritório quanto choveu. Ele faz isto por iniciativa própria. Sacode a cabeça em sinal de reprovação quando alguém fala que os fazendeiros e produtores locais nunca se preocupam em controlar o "índice pluviométrico". Ou que não acompanham o preço da soja, trigo e café nas principais praças brasileiras. "Agricultura e política econômica andam juntas. É preciso saber para quem vender", dizem os colonos do Sul.

Estes "novos bandeirantes" mudaram completamente a pacata cidade de Iraf de Minas: o pequeno povoado já tem rede de esgotos, o prefeito conseguiu iluminar quase toda a cidade, novas ruas estão sendo abertas, surgiu um restaurante; o comércio aumentou suas vendas; em pouco tempo estará ligada à rede de DDD; o movimento de carros é grande; este crescimento deve levar em conta que a tendência natural da cidade era de desaparecer, pois seus moradores estavam indo para os centros mais desenvolvidos da região.

E Iraf de Minas deve preparar-se para ser um importante centro produtor de trigo e soja: quem faz este aviso são os gaúchos. No primeiro ano eles conseguiram uma produção que cobriu os investimentos iniciais; no segundo ano, a produção deverá dobrar se continuar chovendo normalmente.

Mas os colonos não estão satisfeitos com a irregularidade das chuvas. Muitos já falam na necessidade de construir represas ou açudes que permitissem a irrigação do solo e uma produção muito superior do que a prevista pelos próprios técnicos da Companhia de Promoção Agrícola, a binacional brasileiro-japonesa responsável pelo projeto especial de ocupação racional de 9 mil hectares de terra na região de Iraf de Minas.



## Fazendeiros temem os 'agitadores'

— Você acredita numa mudança no Brasil?

— Acho que é possível.  
— Possível?  
— Com a abertura política, o Partido Popular pode ser o fiel da balança e eleger o presidente da República.  
— Não estou falando disso.  
— Então, qual a mudança que pode ocorrer no Brasil?

— Uma revolução. Uma revolução parecida com a que houve na Nicarágua. O governo não estaria dando muita corda para os padres?

Este diálogo entre um fazendeiro que preferiu não revelar seu nome e o repórter do Estado aconteceu no interior de Minas, em uma fazenda perto de Araguari. Ele demonstra o temor e até certo ponto o pavor que os fazendeiros da região têm de uma mudança do regime político brasileiro, com o apoio da Igreja Católica.

"Já sabemos onde estão e quem são os agitadores em cada cidade. Se começarem algo mais sério, prendemos todos" — diz outro fazendeiro. Ninguém quer identificar-se, pois temem ser perseguidos pela Igreja. Conversam baixo, como se estivessem conspirando, e retiram do fundo de baús e gavetas cartilhas dos centros pastorais da Terra de Goiás, do Nordeste, do Espírito Santo. Lêem alguns trechos em voz baixa, olham com desconfiança para os lados.

Na região de Coromandel, Romaria e Monte Carmelo, os produtores agrícolas afirmam que alguns religiosos disseminam para os pequenos e médios proprietários que a terra seria desapropriada e entregue aos estrangeiros. Para os japoneses, por exemplo. Na frente da igreja de Romaria, cidade visitada por milhares de romeiros, em agosto surgiu uma placa: "Fora invasores de terra". Estes mesmos fazendeiros afirmam que "a Igreja fala que o homem vendeu quase de graça as suas terras para as multinacionais e foi morar nas cidades". Este fato, segundo eles, não é verdadeiro, pois os projetos de colonização — argumentam — criaram condições para a fixação de mais gente em suas regiões de origem e não para as migrações em direção aos grandes centros.

Os técnicos destes programas especiais de ocupação do cerrado lembram que os problemas com a Igreja começaram quando a Pastoral da Terra criticou os projetos desenvolvidos pela Agência Internacional de Cooperação do Japão (Jica), uma das empresas multinacionais que decidiram investir na região.

Os técnicos destes projetos garantem que os padres encampam esta ideia e distribuem cartilhas e panfletos mostrando aos trabalhadores rurais que a terra não era deles, que tudo aquilo que seria produzido no Brasil não era para consumo dos brasileiros, mas para ser exportado.

Na verdade há uma certa desconfiança sobre a chegada de japoneses no Cerrado. Os próprios produtores rurais da região são contrários à vinda de mão-de-obra estrangeira, pois acreditam que o País pode contar com os trabalhadores locais.  
Até agora, porém, poucos japoneses foram levados para o Cerrado. A preferência tem sido por agricultores sem terra do Rio Grande do Sul e por veterinários, agrônomos e fazendeiros locais, como acontece na região de Paracatu.

## "Uai" x "ché", a nova "guerra"

Há nova guerra no sertão mineiro: a disputa entre o uai e o ché, ou o choque de duas culturas bem distantes, a do tradicional mineiro dos cerrados e a do gaúcho descendente de europeus. Os primeiros, falsamente ingênuos, desconfiados, magros, sem dentes, roupas de linho branco remendadas, de fala baixa e acostumados a ver o tempo passar de mansinho; os segundos, homens de quase dois metros de altura, dentes perfeitos, trabalhando dia e noite contra o tempo, faladores e ingênuos, rosto vermelho, um forte sotaque alemão ou italiano, com suas mulheres gordas, altas, fortes e loiras, dispostas a trabalhar todo um dia dirigindo caminhões e tratores.

Os gaúchos começaram chegando aos poucos, de mansinho, como dizem os mineiros, e, de repente, se espalharam por todo o sertão, com seus hábitos e costumes, com seu chimarrão e sua facão. O sertanejo acompanhava esta invasão, primeiro com curiosidade e depois com desconfiança. "Como entender esses homens de fala atravessada?" perguntam. Hoje, o uai e o ché continuam disputando o misterioso, folclórico e curioso mundo dos mineiros perdidos nos confins das Gerais.

Definir quem ganhou esta luta é uma tarefa muito difícil. Com a chegada dos gaúchos, o sertão deixou de ser sertão: o trigo e a soja ocuparam o lugar dos pés de feijão e dos buritis; os cafezais acabaram com os assa-peixes; as procissões de formigas saídas, carregando pesadas folhas verde-escuras, desapareceram, inseticidas desconhecidos e fortes entraram em suas casas; não há mais patos bravos nas lagoas; já não se vê tantas estrelas nos céus dos Gerais, pois os postes de cimento levaram luz para as remotas fazendas; os coronéis e seus descendentes fugiram para o conforto das cidades; a lamparina de querosene já não corta pequenas trilhas no meio do mato ralo; já não se fala tanto de assombração de mula sem cabeça e até a catuaba, a quina, estão difíceis de encontrar.

Sem levar em conta que estavam acabando com tradições de séculos, os gaúchos chegaram. E como se uma grande nuvem de gafanhotos, armados de tratores, arados, grades e pulverizadores, tivesse entrado sertão a dentro, devorando tudo. Quem olha o cerrado hoje ("O mundo veio de Deus"), vê até onde a vista alcança longas manchas de terra vermelha, arroxeadas, amarela ou cinza. É tempo de arar a terra. Só que o boi já não é mais o rústico arado. Tudo acontece rapidamente. O tempo anda andando diferente nos Gerais, diz o velho tropeiro.

Uma garça solitária, uma jaracussu morta numa moderna estrada asfaltada, uma perdiz que levanta vôo assustada com o barulho de um caminhão, as samambaias selvagens desafiam os tratores, uma família de buritis e o velho pé de jatobá solitário ainda sobrevivem: estes seriam os últimos sobreviventes do sertão mineiro, conquistado sem qualquer piedade pela civilização?

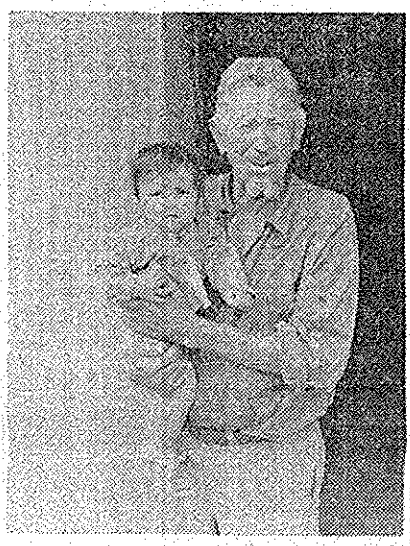
O sertão bravo já não há mais. O tropeiro, o boiadeiro, os coronéis, o peão com suas mulheres magras, com "uma penca de filhos", deram lugar a novos personagens: Afonso Neumann, Vito Werner, João Arlindo Graffitti, Erico Bernardo Rohmann, Carlos Ipojuacem Hollmann, José Antônio Schwertner, Xisto Longhi, Henriksen Werner, Neuro Gioli; estes homens de sobrenomes "atravessados" entraram no sertão para criar um novo país.

Quem viu o antigo sertão, suas lendas, segredos e mistérios, sente muita saudade, como o tropeiro José Francisco de Oliveira, conhecido no "cerrado" como Zé Biroca. Sua casa é de chão batido; na sala, dois rústicos bancos e uma mesa; na cozinha, outro banco e o fogão de lenha "requentando um cafezinho". Botina mateira, proteção de couro contra os caprichões e para proteger

as pernas do suor do cavalo, chapélio branco e com as abas dobradas, como se estivesse pronto para passar seis meses levando uma bolada de Patos de Minas para Barretos. Zé Biroca é o sertão. Zé Biroca é o antigo sertão.

Zé Biroca tem 78 anos, seu corpo ainda é firme, tem filhos gêmeos, de 13 anos: "Um lida com gado; o outro, com trator e catação de raízes nas roças". Ele traz o café requentado, sua mão é firme ao servir. Café pouco, só há meia xícara para cada um. Ele toma lentamente sua parte, vai até a porta de sua casa de paredes com reboco caído, olha o cerrado e a cultura dos gaúchos e comenta: "Se o senhor visse isso antes". A observação é dúbia: um elogio? Uma crítica ao fim dos Gerais e aos seus novos vizinhos? Difícil saber. Mas seus olhos claros ficam um pouco úmidos. Ele balança a cabeça, como se quisesse afastar um mau pensamento, solta um riso largo, mostrando seus dentes com muito ouro, fala de sua mulher, que trabalha para os alemães, lavando roupa; explica que não pode plantar uma hortinha porque sua quintal "é de pura pedra" e volta a lembrar dos filhos: "Os meninos não têm prática e eu vou dando a direção".

O filho de Zé Biroca também trabalha uma vez ou outra para os colonos gaúchos, e outro dia fez uma revelação que surpreendeu o velho boiadeiro: "Eles não comem arroz e feijão, pai; só carne e verdura, um mundão de carne". A mulher, que lava roupa para os Wer-



ner, fez outra revelação: "Minha patroa manda (dirige) um trator, todo o dia; dirige o caminhão levando e trazendo gente pra trabalhar na roça".

A alguns passos da cabana de Zé Biroca começam as terras dos gaúchos. João Arlindo Graffitti está sentado na terra vermelha, arada, ao lado de um trator. Ele ainda não sabe ficar horas agachado, de cócoras, fumando um cigarro de palha e "proseando à toa". Graffitti é objetivo em suas declarações: "Fomos bem recebidos aqui, ché. Mas é uma gente diferente, como a minha fraica e estuda pouco. Veia: o mineiro sai às seis/sete horas de casa e só toma um cafezinho; às 10 horas almoça: muito arroz e feijão; à uma da tarde, outra xícara de café preto; e às quatro, larga o trabalho".

Erico Rohmann, 51 anos, escuta o conterrâneo falando e faz um comentário rápido: "É outra gente, outros costumes, mas eles conseguiram viver até agora; têm os seus segredos, coisas boas que devemos aprender". Mas ele não se conforma, como Graffitti, com a alimentação dos trabalhadores da região de Iraf de Minas. Cercado por seus dois filhos, jovens de vinte e poucos anos altos e fortes, Rohmann continua o pensamento de Graffitti: "Nós acordamos às seis, seis e pouco, tomamos café com pão caseiro e melado de fruta, muita margarina, queijo e café preto". Leite? "mineiro não toma leite, ché" — diz ele indignado. Graffitti completa:

"Nós também não tomamos: ninguém lava as tetas das vacas". Rohmann continua: "No almoço, ao meio-dia, comemos carne à vontade, cebola, alface, rabanete, batatinha e um pouco de arroz e feijão. Depois, jantamos bem. Podemos trabalhar a noite inteira". Enquanto Erico fala, sua mulher, ao longe, está com uma enxada cuidando de sua horta: "É um final de tarde, os mineiros já voltaram para suas casas ou conversam tranquilamente na mercearia do Zeão. Alguns tomam pinga. Graffitti e Rohmann não tomam, de cachorro. Em pleno cerrado, mantêm o hábito de conversar tomando chimarrão e de acompanhar as notícias. O rádio está sempre ligado numa emissora do remoto Rio Grande do Sul: todos os gaúchos do cerrado sabem os resultados dos últimos jogos do campeonato de seu Estado.

Erico tem um outro motivo para ficar indignado com os hábitos locais: ninguém lê, ouve as notícias. "Política e agricultura andam juntas, ché". De manhã, quando acordamos, escutamos as notícias pelo rádio. Depois vamos ler os jornais e revistas. Dos que aqui chegaram, todos lêem; quando alguém descobre algo importante, lê em voz alta, para todos ficarem sabendo; procura transmitir para os moradores da cidade o que lemos e escutamos, mas não cola." Rohmann assina um jornal do Rio Grande do Sul. Quando lhe perguntam sobre as dificuldades que enfrentou ao chegar, sua resposta é curta e incisiva: "Quando o tempo passa, tu esquece o sofrimento, ché".

São seis horas. Eurico tem três filhos e, neste horário, cada um está arando a terra, com modernos tratores. Até o mais jovem, de 11 anos, trabalha com um trator ao voltar da escola: ele é pequeno, seus dentes de leite ainda estão caindo e, em cima daquela máquina imensa, fica meio perdido, escondido entre tantas ferragens. Ele prefere não fazer comentários sobre o fato de estar dirigindo um trator aos 11 anos, como se aquilo fosse muito comum.

Os colonos gaúchos, proprietários de fazendas que têm em média 350 hectares, ainda não entendem o sistema de trabalho dos proprietários da região: eles não moram em suas terras, comentam: "parece que são hábitos herdados dos tempos da escravidão". "para nós é uma vergonha ver o outro trabalhar e nós ficarmos parados, só fiscalizando"; "não se pode ganhar dinheiro só com a especulação da terra". Estes são os comentários mais comuns entre as famílias dos colonos gaúchos.

Outro contraste entre mineiros e gaúchos é contado pelo fazendeiro Helvécio de Souza Correa, líder político da região, dono de um posto de gasolina e de um cartório, funcionário da binacional Campo: "O peão gostou da chegada dos gaúchos, pois pode ganhar muito dinheiro. Ele pega serviço por empreitada, pede Cr\$ 5 mil para um trabalho de cinco dias, mas sabe que pode acabar tudo em dois dias". Helvécio já sabe disso e não aceitou a esportada do tímido peão mineiro. Já Rohmann ou Afonso Neumann ficam externamente nervosos quando comentam este assunto. Eles não são negociantes, não têm a malandragem dos fazendeiros: os gaúchos partem do princípio de que se uma pessoa pede tanto por um trabalho é porque este trabalho realmente vale isso.

Neumann está com seus 15 filhos no cerrado mineiro. Quando ele fala, é difícil entender por causa do forte sotaque do cerrado. Em sua casa, só usa o alemão para conversar com os filhos, genros e noras. Afonso Neumann, quando fica nervoso, usa o idioma de seus antepassados para brigar com os mineiros que cobram muito por uma empreitada ou quando pedem dinheiro para as festas religiosas, romarias e irmandades. Já Erico Rohmann balança a cabeça e diz: "Não entendi isso. Eu pago o que pedem. Aprendi a confiar nas pessoas, e não sou negociante, sou agricultor e trabalho como qualquer outro".

## Futebol aproxima as duas colônias

Ninguém queria apitar a final entre gaúchos e mineiros no campeonato de futebol de salão de Iraf de Minas. O fazendeiro Helvécio Correa, fanático torcedor dos mineiros, foi logo se oferecendo: "Deixa que eu apito esse trem". Quando ele falou em apitar o "trem", os cinco jogadores gaúchos começaram a rir e o jogo foi realizado tranquilamente. Assim começou a história da aproximação entre a colônia gaúcha de Iraf de Minas — a maioria descendente de alemães e italianos — e os moradores desta pacata cidade do interior de Minas, entre Uberlândia e Patos de Minas. Os mineiros venceram este jogo e ganharam o campeonato. Esta foi a vingança: no primeiro campeonato, os gaúchos haviam ficado com o título. Na vitória mineira, segundo os gaúchos, o fazendeiro Helvécio trouxe reforços de outras cidades da região e só assim conseguiu a taça. "Uma mineirice", diz Vito Werner.

O futebol está quebrando o isolamento entre a nova colônia que chegou à região para conquistar os cerrados e os antigos moradores de Iraf. Estes dois campeonatos são motivo para constantes discussões na mercearia do Zeão, no posto de gasolina, na sede da Cosuel, cooperativa gaúcha responsável pela ida dos colonos para a região. Se na maioria dos hábitos e costumes, mineiros e gaúchos são completamente distintos, o futebol é um forte fator de união.

"Uai, ché, para que tirar foto?" A pergunta é de Erico Neumann, garoto de 13 anos e um dos 15 filhos de Afonso Neumann, o mais alemão dos colonos.

Ele chegou a Iraf em 1980 e já está falando "uai" como qualquer jovem de sua idade nascido no interior de Minas. Além disso, já tem uma sobrinha nascida neste Estado.

O nascimento de filhos e netos mineiros está servindo para fixar o gaúcho do interior em seu novo ambiente, muito distinto das regiões de onde ele saiu levando toda a família. Mas há um outro fator que deverá quebrar definitivamente o gelo entre as duas colônias: o namoro. Um dos filhos de Afonso Neumann, Volney, está namorando Ana, uma mineirinha que trabalha no posto de gasolina logo na entrada de Iraf. Ana já é uma mineira diferente: é ela quem abastece os carros, troca o óleo de caminhões e tratores, cuida do dinheiro. E o casamento está próximo. Será uma festa um pouco estranha para o interior mineiro: no lugar de cachaca, muita cerveja e vinho, comidas de nomes estranhos e complicados, a gaúcha substituiu a viola, ou mesmo uma mistura de tudo isso.

O fato de a maioria dos colonos ser adepta do catolicismo tem facilitado a aproximação. Mas nem todos podem rezar na mesma igreja. Das 19 famílias de colonos, quatro são "evangélicos". De dois em dois meses, um pastor sai de Belo Horizonte e vai até Patos de Minas, onde num salão simples, eles fazem seu culto. Há culto também nas sedes das fazendas. Para os "evangélicos" é mais difícil o relacionamento com a população local.

"A única coisa que não aderimos foi ao chimarrão. Nós não chupamos esse

ferrinho quente não, só", diz o fazendeiro Helvécio. Mas sem querer, revela que um de seus filhos já aderiu. E ele próprio, quando visitou a família Neumann, tomou chimarrão que corria de mão em mão entre os 21 membros da família. Helvécio conta ainda que os mineiros já não comem churrasco como antigamente: "Em Iraf já pegamos o churrasco gaúcho: colocamos um quilo e meio de carne no espeto e só usamos sal como tempero. Deixamos de cortar a carne em pequenos pedaços mantendo-a no tempero de um dia para o outro".

E na formação de uma nova cultura, cada um teve de aprender as gírias e vocabulário regional do outro. Se você perguntar em Iraf de Minas a um boiadeiro o que é um temero, ele responderá prontamente: "Um bezerro". E nas fazendas dos gaúchos todos já sabem que não podem chamar os brios de "banhados", pois os mineiros podem não entender. Até as crianças já sabem qual o novo nome do potero: é pastin, ou pastinho. Um fato curioso é acompanhar a conversa entre os novos colonos e os mineiros, no interior de um bar.

E depois de serem "enganados" por muitas vezes, os gaúchos estão aprendendo muitas "mineirices", como a desconfiança com os estrangeiros e pechinchar sempre, pois este é um costume da região. Tudo indica que a briga entre o "uai" e o "ché" pode acabar empatada. O time de futebol de Iraf de Minas, uma verdadeira seleção, deverá chamar-se "Uai Ché". Quando isto acontecer, duas culturas totalmente distintas estarão adaptadas uma à outra.



A foto do casamento do gaúcho Erico Rohmann

## O teste nas estradas

Usar uma Belina 1.6 a álcool, no cerrado, é uma ideia que poucos fazendeiros de Minas aceitavam. Hoje, porém, elas rodam tranquilamente pelas estradas esburacadas do interior de Minas. E há postos vendendo álcool nas regiões mais remotas do sertão. A reportagem de O Estado testou uma Belina a álcool em mais de 4 mil quilômetros de rodovias, em estradas vicinais

que começam a ser pavimentadas, em trilhas de fazendas e até mesmo dentro de áreas que estão sendo preparadas para o cultivo, onde só tratores e caminhões entram. E o carro não apresentou qualquer tipo de problemas: a lataria continua firme, o motor manteve o rendimento inicial; e o consumo médio em todo esse percurso chegou aos 10 quilômetros por litro.